

**IMPÉRIO DA NATUREZA, NOMADISMO AMBIENTAL:
PEDAGOGIAS CULTURAIS NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA NATIONAL
GEOGRAPHIC**

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais - tranniery@yahoo.com.br

Rodrigo Michell dos Santos Araújo

Universidade Federal de Sergipe - rodrigo.literatura@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo investiga as pedagogias culturais das fotografias da *Revista National Geographic Brasil*, no intuito de argumentar a existência de um processo educativo ambiental intrínseco ao regime imagético da natureza. Ao articular Estudos Culturais em Educação e em Educação Ambiental em sua vertente pós-estruturalista com Teoria da Fotografia, partimos do pressuposto de que as imagens têm assumido um lugar cada vez mais central nas relações, inclusive relações pedagógicas, do mundo contemporâneo. Esmiuçamos, a partir desta base conceitual, que as imagens da natureza da revista articulam uma pedagogia ambiental segundo dois modos: a fabricação de um Império da Natureza e a evocação de um Nomadismo Ambiental. Processos, por sua vez, radicalmente ligados ao atual estágio do capitalismo contemporâneo que tornam a natureza e a subjetividade os últimos territórios a serem colonizados. Concluímos, pois, que o regime fotográfico da natureza na revista educa ambientalmente quando fabrica um mundo natural e forja certo tipo de sujeito habilitado a desfrutar de suas potências.

Palavras-chave: fotografia, natureza, subjetividade.

DE COMO NOS MOVIMENTAMOS NO PARAÍSO PERDIDO

Adão pede a Rafael que explique como, e porque motivo, o Mundo fora criado. O anjo o satisfaz, dizendo-lhe, que Deus depois de ter vencido, e precipitado do Céu a Satanás, e os Anjos seus cúmplices, declara o projeto que tinha de criar um Mundo, e novos Seres para o habitarem. Que o Onipotente enviará com o grande cortejo a seu Filho, acompanhado do Espírito e Sabedoria Divina, para formar aquela Obra, que durou seis dias. E que todos os Seres angélicos celebraram com Hinos e Cânticos, aos sons dos celestes instrumentos, a consumação da Obra, voltando para o Céu acompanhando o Criador. — Ainda no século XVII, John Milton mostrou em um circuito poético a história cristã da “queda do homem”. Em *O Paraíso Perdido* de 1667¹, ficamos sabendo não só da criação de uma nova raça, os homens, que ocuparam

¹ Cf. MILTON, John. **O Paraíso Perdido**. Lisboa, 1789. Livro disponível para download gratuito no website do Google Books.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

o lugar dos anjos rebeldes, mas, sobretudo, nos aproximamos da tentação de Eva e Adão e de sua expulsão do Jardim do Éden. Mas o que faz mesmo o homem quando percebe que a desesperança invade sua alma?

O que o escritor inglês não poderia prever era que o até então “paraíso perdido” de sua poesia épica se tornaria “real” passados quase cinco séculos depois. Com efeito, ficamos sabendo que, hoje, estes paraísos perdidos são muitos. Só no Brasil contam-se dezenas. Ainda mais, o que era apenas tema de obra literária no classicismo inglês, o que era apenas para ser uma imagem evocada pela poesia, espalhou-se por outras formas da cultura, tornou-se ele próprio imagem material, “está em qualquer lugar ou em qualquer coisa” (FEATHERSTONE, 1995, p.99). E, por mais absurdo ou espantoso que pudesse soar ao poeta, agora nós também retornamos ao paraíso perdido com um vigor inesperado, de vez quando, sempre que preciso, às vezes de bicicleta, às vezes de Ford Ranger, para passear com a família, como que em uma pequena ressurreição. O mais impressionante de tudo isso é que nós nem mesmo precisamos sair de casa.

Não há quem não reconheça que estas novas configurações culturais do nosso mundo contemporâneo tenham concorrido com a escola pelo privilégio sobre a educação das pessoas. O que gostaríamos de sugerir é que elas também concorrem para a educação ambiental dos sujeitos deste nosso mundo. A construção de uma “racionalidade ambiental” nos termos de Henrique Leff para uma nova ordem social, ou ainda a moderna invenção de “um sujeito ecológico” (cf. CARVALHO, 2000) não é uma operação restrita aos fazeres pedagógicos institucionalizados. A mídia também se constitui em uma instância de aprendizagem tão ou mais eficiente da relação ser humano e natureza (AMARAL, 2000). De maneira extrínseca, às vezes até a contragosto dos mais sérios projetos de educação ambiental, há uma miríade de pedagogias penetrando a vida cotidiana (PARAÍSO, 2001), inclusive de pedagogias ambientais. Os regimes de visibilidade e dizibilidade maquinados por diferentes artefatos culturais sobre a série paradigmática que em nossa cultura agrupamos sobre a palavra “natureza” não apenas “chegam” às escolas, mas também entram em conflito com o que nelas se ensina. Tais artefatos têm ensinado “uma infinidade de práticas, comportamentos, sonhos e desejos que não podem ser desconhecidos da educação” (PARAÍSO, 2004, p. 60). Aqui, novas sensibilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividade são engendrados, de tal modo que essas “outras instâncias

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2002, p. 139).

Na nossa atual era do capitalismo, subjetivadora por essência, imaterial por destino, as imagens radicalizam esta visada pedagógica. Na notação de Frederic Jameson (1996), e olha que já se passaram algumas décadas de lá para cá, a lógica cultural do capitalismo tardio é fundada em imagens espectrais, cada vez mais autônomas. Que não só são vividas, na acepção de Jameson, mas se tornam o nosso modo próprio de existir. Na postulação de Paul Virilio (1993), o social tornou-se, transmutou-se em imagem. Capturar este novo *sensorium*, antevisto por Walter Benjamin (1989) na nascente da modernidade, seria um desafio intelectual importante para educadores ambientais. Essas formas culturais mobilizam toda uma economia de afetos tão ou mais efetivas que as formas institucionalizadas de pedagogia (SILVA, 2002). Aqui, imagens da natureza circulantes nos mais diversos artefatos da cultura forjam subjetividades ambientais, modos de ser e estar no mundo, em conjunção ou em ruptura com “a natureza”, por meio de sofisticadas estratégias regulatórias. Imagens também são pedagógicas quando recitam uma gramática das nossas vidas (ROCHA; PORTUGAL, 2011). Modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender, formas de expressão, de textualidade e escritura, que recortam os espaços e possíveis do tempo, determinando formas de vidas em dissonância ou em reunião com outras formas da cultura. A escrita da natureza, em nossos tempos atuais, só pode ser compreendida como registro de luminosidade, daquilo que é mais do dito sobre ela, a tornando visível.

Gostaríamos de examinar as questões postas na relação, nem sempre tão explícitas, entre pedagogias ambientais e imagens de natureza a partir do regime fotográfico da revista *National Geographic Brasil*, representação brasileira da revista da *National Geographic Society*, sociedade fundada em 1888 na cidade de Washintong, Estados Unidos, por um grupo de intelectuais e cientistas para a divulgação dos conhecimentos geográficos. A revista foi lançada no Brasil em maio de 2000 e, hoje, possui 33 edições em 31 idiomas pelo mundo. Nas palavras mais do que esclarecedoras do site oficial da revista: “*Do topo do monte Everest às profundezas do oceano, do mundo pelas lentes de um microscópio às estrelas nas galáxias mais distantes, a National Geographic Society traz informações sobre "o mundo e tudo que há nele" há mais de um século. Mais de dez milhões de membros, além do público mundial que não*

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

*pára de crescer, recorrem às revistas, aos livros, ao canal de televisão, aos produtos educacionais e ao site da National Geographic Society para aumentar seu conhecimento sobre a terra, o mar e o céu, para se surpreender e se admirar*² - qualquer semelhança com o anjo da alegoria do início deste artigo não será mera coincidência.

Se levarmos mesmo até as últimas consequências que se faz necessário esboçar análises que atentem para o fato que “a coordenação e a regulação das pessoas não se dá apenas pelos discursos circulantes nos espaços pedagógicos institucionalizados como as escolas e seus similares” (COSTA, 2005, p. 144), talvez não nos custe nada mapear estas novas linguagens disponibilizadas para falar da natureza, do e para seus sujeitos, os novos sistemas conceituais e visuais usados para calcular as condutas e capacidade da racionalidade ambiental, para “calibrar a psique” (cf. ROSE, 1998), fabricar paisagens e rostos. Para além da representação de natureza, à esteira de Décio Pignatari (2004), o que nos interessa é uma abertura a leitura destas imagens, porque não haveria como compreender as coisas ditas sobre a natureza hoje, sem nos atentarmos ao regime de imagens sobre ela e por em suspensão uma idéia circulante de que as imagens de natureza precisam ser traduzidas em palavras para serem pedagógicas. Parafraseando, a pergunta título de W. J. T. Mitchell (2005), o que afinal querem essas imagens? Interessa-nos, aqui, indagar, pois, a “coisidade” construída pela imagética da natureza das páginas da revista³.

POR UMA ESTILÍSTICA DA NATUREZA

A bela do Ártico: a astúcia de uma raposa da neve. O texugo africano que adora mel. Pesca do salmão: o fim de uma arte. Alerta ecológico: o aquecimento global ameaça o planeta. Vulcões em brasa. Novas descobertas assombram o fundo do mar. A intimidade dos pica-paus. Os hipopótamos surfistas do Gabão. Lulas gigantes atacam nas profundezas. Pequenas maravilhas da Mata Atlântica. Caça as focas: polêmica no Canadá. Onde nasce a comida: o futuro da vida está sob nossos pés. Abelharucos, os artistas do céu. Espécies exóticas invadem o mundo. O vento vive na Patagônia. Quando o bode vira-rei na Paraíba. As assustadoras aranhas do deserto. Leões vs. Búfalos: uma guerra nunca antes registrada. O deserto mais cruel da África. Rio Parnaíba: 40 dias num caiaque. Tsunami: onde

²Disponível em: <http://viajeaquia.abril.com.br/national-geographic/historia-da-national/historia-national-convite-exploracao-466715.shtml>. Acesso em agosto de 2011.

³ Para a composição deste artigo utilizamos como corpus de análise as edições mensais e extras da revista entre os anos de 2003 e 2007, perfazendo um total de 56 edições em quatro anos.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

será o próximo? Orcas: as baleias assassinas em julgamento. No Pará, uma ilha que o Brasil nunca viu. A vida marinha dos recifes de Fiji. A travessia da morte na Mongólia. A era dos furacões. A Sibéria é aqui: o inverno dos colonos gaúchos. Muriquis, os macacos hippies do Brasil. Fordlândia: onde a selva derrotou a indústria. Expedição procura os últimos selvagens. Alasca: santuário da fauna marinha. Amor selvagem: o jogo de sedução do mundo animal. Lagartas: insetos com fome de carne. O poder das flores: como elas mudaram o mundo.

Talvez seja conveniente, daqui por diante, novamente acompanhar Frederic Jamenson (1996) em pelo menos parte de sua avaliação sobre o nosso momento atual. O capitalismo tardio teria finalmente penetrado e colonizado dois enclaves até então invioláveis, a Natureza e o Inconsciente, segundo uma nova lógica que não nos caberá esmiuçar aqui pelo risco de um resumo deveras canhestro. Importa, para nosso contexto, esmiuçar mais o preço que se paga quando o capitalismo impregna a tal ponto a esfera cultural e subjetiva, especialmente no tange ao que esse mesmo sistema inventou como natureza. Apesar da tematização explícita da natureza e da subjetividade enquanto tais ser escassa nos textos de Jameson, conviria ao menos reter esta constatação como um ponto de partida para se pensar de modo mais intrínseco a relação entre pedagogia das imagens e natureza, questão que nos parece incontornável caso se queira dar algum sentido as fazeres e dizeres da educação ambiental hoje (cf. GUIMARÃES, 2010). Seria possível mesmo concluir que o capitalismo tomou de assalto a subjetividade e a natureza numa escala nunca antes vista. Não conhecemos intelectual, hoje, que se arrisque a dizer ao contrário, embora se possa discordar do modo como isto ocorreria propriamente.

As chamadas com que iniciamos esta sessão nos dão diretamente algumas indicações sobre a primeira metade da expressão que dá título a este artigo: *Império da Natureza*. Com ela, queremos descrever, de algum modo, aquilo que fazem, querem e efetivamente constroem as fotografias de paisagens, animais e plantas que recheiam as páginas da revista. Em uma cartografia deste terceiro milênio, Toni Negri e Michael Hardt (2000) chamam de império a nova estrutura de comando do capitalismo. Descentrada, desterritorializada, fluída, flexível, móvel, ondulante, horizontal, mais “democrática”, esparramada, entrelaçada ao tecido social em sua heterogeneidade, recobrando a totalidade da existência humana. Para esta nossa paráfrase, ressaltamos que o que está em jogo no registro fotográfico não é apenas o domínio de uma técnica sobre a natureza – esta natureza não pode mesmo ser “dominada”, os últimos acontecimentos,

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

dos tsunamis aos furacões, demonstram cabalmente certa falência da lógica da dominação (Ver Fig. 1). As fotografias da revista evocam uma natureza infinitamente grandiosa, contra a qual nós pouco podemos, uma natureza tão maravilhosa quanto chocante. Nem sempre as fotografias referem-se à natureza para a produção de riqueza – a natureza não se mostra sempre disposta a colaborar com a produtividade de riqueza, às vezes é até culpada de saqueá-la com seus desastres ambientais ou suas pragas agrícolas (Ver Fig. 2.). Não obstante o jogo não se refere exclusivamente à administração da reprodução da natureza para a produção de riqueza – as máximas de um fundamentalismo ecológico já colocaram sob suspeita este argumento do progresso cumulativo (Ver. Fig. 3).

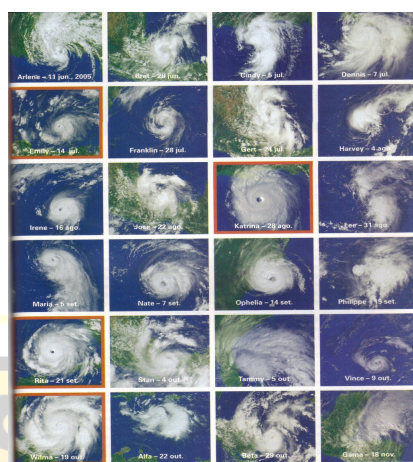


Fig. 1 – Furacões



Fig. 2 - Espécies exóticas invadem o mundo

Entretanto, nós ainda temos que nos virar em como lidar com um território tão fugidio. Mas, ao mesmo tempo, como podemos deixar de lidar precisamente com isso? Quando já não é mais possível, ou inteiramente coordenável as tradicionais formas de relação com a natureza, é a própria natureza que é visada com seu processo de produzir-se e reproduzir-se. E, aqui, é somente a materialidade da imagem que é capaz de tornar esta natureza presente. Como, certa vez, afirmou Roland Barthes (1984, p. 13): “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Só mesmo a imagem estaria apta a inscrever todas as peculiaridades e segredos da mais recôndita vida selvagem por todos os cantos do planeta. Como não pode falar, a natureza é posta no confessionário da imagem, levada a mostrar-se em todas as suas formas. A natureza é “naturalmente” imagética, é esta familiaridade com as imagens que se impõe como garantia de verdade.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

Philippe Dubois (1993) ressaltou, certa vez, que a condição do ato fotográfico está na codificação, nos recortes que faz do mundo e do modo como a ele se refere. De fato, como se poderia manter o controle sobre a “vida selvagem” se não a capturássemos em todas as suas potências? A imagem da natureza torna-se o próprio Império, sua própria imagem e semelhança: imprevisível, móvel, fluída, flexível, dinâmica, criativa, surpreendente, poderosa.

Para estas fotografias, a natureza já não vale somente como um objeto ou mercadoria a ser consumida, controlada, manipulada – parte delas está mesmo disposta a denunciar esta racionalidade exploratória, do extermínio de focas no Canadá, cobrindo o branco do gelo de sangue à extinção do salmão na China em rios impressionantemente vazios. Isso porque a imagem deixa de ser o antigo objeto do olhar para converter-se em fazer, em produzir, para o qual a importância está na produção de imagens, isto é: prática operacional que insere as pessoas em uma situação de experimentação visual inédita (REAUD, 1989). Raposas, vulcões, elefantes, ilhas não interessam também na medida óbvia do “espetáculo da natureza” (cf. ANDRADE, 2003), como se as fotografias estivessem exclusivamente a serviço de um show das forças naturais, criando sobre elas uma aura espetacular onde não existia; mas interessam enquanto espetáculo⁴, se nós quisermos manter o peso conceitual da palavra, especialmente na medida em que mobilizam uma economia de afetos e desejos (cf. CRARY, 1989; 1989), os põe para trabalhar, os explora e os amplia, produzindo uma



plasticidade subjetiva sem

precedentes: o Império da Natureza.

⁴ Para a teorização do espetáculo, cf. especialmente Debord (2002)

Fig. 3 – O fim do gelo

Fig. 4 – Os bebês focas do Ártico

À esteira de Gilles Deleuze (2009) na carta à Serge Daney, estamos diante de um funcionalismo da imagem, a saber: uma pedagogia da percepção que vem substituir a enciclopédia do mundo que jaz esfacelada na Era Google. Certamente, essas fotografias não se propõem mais a embelezar a natureza, como as fichas botânicas dos séculos XVIII, mas, acima de tudo, espiritualizá-la. E este espírito não é feito para ser contemplado, é feito para ser efetivamente vivido. Como, de fato, as dimensões físicas e geográficas do mundo ainda efetivamente limitam a ponte área Ártico-Austrália, as imagens não só tornam possíveis esta experiência, como se tornam a própria experiência, seu meio de sobrevivência e inscrição a ponto de romper a distância entre realidade e imagem (Ver. Fig. 4). De resto, nos é sabido que esta máxima de rompimento da distância entre onde estamos para onde vamos é uma noção propriamente cara ao discurso pedagógico (RANCIÈRE, 2008). Não estamos falando, pois, apenas de uma limitação que a fotografia substitui, mas de uma configuração cultural em que a imagem, em nosso caso a fotografia de natureza, torna-se meio e mediadora. Chama-se a isto como quiser que nos rodeia de capitalismo tardio, economia imaterial, sociedade do espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas fotografias um novo, embora nem tão novo assim, modo de relação entre capitalismo, subjetividade e natureza, para o qual as fotografias, e seus primos mais contemporâneos, são elementos, se não essenciais, sustentadores.

É neste “espírito da natureza” ou nesta “natureza espiritualizada” das fotografias da *National Geographic* que encontramos o segundo termo da equação título: *nomadismo ambiental*. Porque este espírito não encarna ou não preenche a natureza propriamente dita, está endereçado diretamente ao coração da subjetividade humana. Se, como sugere o já clássico Jaques Amount (1993), as imagens pensam; estas imagens pensam, acima de tudo, que nós somos alguma coisa, querem, desejam, sonham não só com mundos, mas também com sujeitos que o povoem (ELLSWORTH, 2001). Mais ainda, as imagens são sujeitos, no sentido de que as imagens têm também um dentro, são sentidas por dentro (DELEUZE, 2000). Não só porque as imagens têm uma relação direta com a memória e a inteligência, por exemplo, mas também, e novamente, com

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

nossas sensibilidades, nossos afetos, nossos fantasmas mais inconscientes. Para estas fotografias, é como se não precisássemos mais decifrar a natureza, nem aquilo que fomos, precisamos nos reinventar a todo o momento e a natureza em sua inscrição imagética oferece oportunidades mais do que claras para isso.

Os lugares paradisíacos serviriam como locais selvagens no quais o mito do paraíso perdido se concretiza (cf. DIEGUES, 1999), lugar cada vez mais desejado e procurado pelo homem depois de ser expulso do Éden. As imagens dão materialidade a este paraíso perdido, os multiplicam por todos os lados e onde menos esperamos. Como sugere Edgar Morin (1986), o pensamento racional moderno, este mesmo que sustenta parte de nossas reflexões sobre educação ambiental, ainda se vê tomado pelo pensamento simbólico. Hoje, mais do que nunca, são as complexas redes imagéticas e imaginais que alimentam o nosso pensamento. O que temos nos perguntando é de que modo as imagens da natureza tão belamente compostas pela *National Geographic* estão fundamentando uma experiência de e com a natureza, para o qual a viagem, o nomadismo se tornou a norma. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977), lendo Franz Kafka, consagraram ao termo nomadismo a experiência da desterritorialização por excelência, aquele que ocupa um território, mas ao mesmo tempo o desmancha, ignora as leis, têm suas próprias leis, que ninguém entende, aquele que foge e faz tudo fugir. Se, afinal, o que a imagética da natureza tem erguido não é senão um “espírito”, uma maneira de ver e sentir, de pensar e perceber a natureza, porque a fotografia se faz pensamento e linguagem (cf. SANTAELLA, 2005), temos a leve desconfiança que estas fotografias levam a uma experiência de desterritorialização imanente, a bem dizer na contramão do conceito filosófico, um estilo de viver com e na natureza, uma particular produção de sentido que a natureza possibilita aqueles que a sentem.

Um estilo, por certo, muito longe de ser “natural”, notadamente menos derivado do arquétipo banal. O fato é que mais do que o “consumo da natureza” ou a “contemplação da natureza”, o que nos olha nas imagens é a forma de vida atrelada a ela. Paradoxalmente, tal como a cidade de Baudelaire, eternizada por Walter Benjamin (1989), o que está em jogo é aquilo que a natureza possibilita àqueles que com ela tem experiência. A natureza da *National Geographic* e suas fotografias não são para serem contempladas. A natureza é para aqueles que andam por ela, que a apalpam, viajam

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

pelos caminhos que ela própria se incumbiu de traçar, aqueles que compreendem suas peculiaridades, “sua modernidade”. Só que, aqui, trocamos os perigos dos carros pelos tubarões e orcas; as vitrines por flores; densas florestas ou recifes de corais; a força das ruas pela força dos ventos e vulcões; os paralelepípedos pelas rochas; as figuras do centro urbano pelos povos exóticos. A imagem da natureza tornada presente nestas fotografias é o avesso perfeito da imagem do nosso moderno mundo moderno. Mas, o que em Benjamin ou Deleuze, soa como uma tática de resistência, guardadas, é claro, às devidas diferenças teóricas entre estes filósofos, ao movimento global do capitalismo, este nomadismo ambiental não passa de uma inscrição em suas atuais demandas. Davi Lapoujède (2002) chamou a isso de “nomadismo operário”, para destacar a maneira curiosa de como a figura do nômade tornou-se a filosofia do capitalismo recente.

O nômade ambiental é nada mais nada menos que este que embarca nos fluxos vertiginosos de informações e imagens da natureza. Sobretudo, é aquele que vive a imagem da natureza em todos os seus limites. Os dispositivos óticos constituem formas de ver justamente porque posicionam os sujeitos no espaço e os submetem a uma série de imperativos e códigos de conduta (CRARY, 1988). Há um paradoxo fundamental que opera ao fundo destas transformações. Hoje, mais do que nunca, espaço e tempo, corpo e subjetividade se virtualizam, ganham em potência de transformação, em plasticidade e indeterminação. Códigos e normas também parecem cada vez mais flexíveis e alargados no interior do império. Para além do visível, por meio destas imagens de natureza, ampliam-se as fronteiras do mundo físico, assim como as possibilidades de recriá-lo. Por outro lado, a mesma operação de inscrição da relação homem/natureza em imagem nos permite mapear o futuro, do homem e da natureza, antecipar seu campo possibilidades e, com isso, modular, controlar – quase determinar – suas virtualidades. O paradoxo se anuncia: o império da natureza amplia o possível para, no mesmo movimento, reduzir a uma repetição do que dela já se espera no nomadismo ambiental. As imagens da natureza, tais como a da *National Geographic Brasil*, e ousamos dizer que não estão restritas à revista, de algum modo perpassam outros artefatos que nos são bastante conhecidos, se disseminam como controle do espaço, do tempo, do movimento e dos percursos dos corpos nesse espaço-tempo controlado. São artefatos propriamente pedagógicos quando estão envolvidos em lidar com os possíveis do espaço e os limites do tempo.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

A pedagogia ambiental das imagens da natureza intervém justamente nessa dinâmica. Ao mesmo tempo em que incita a errância da vida pela natureza e seus “combustíveis do futuro”, amplia a tal ponto sua capacidade de alcance para regular a vida, tornar seu futuro adequado, ou como aprendemos a chamar no jargão da educação ambiental, “ecologicamente sustentável”. Temos aí um tema caro às estratégias de regulação contemporâneas, a saber: a “irrupção da naturalidade da espécie no interior da artificialidade política de uma relação de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 64). A convergência entre imagem e natureza é também, deste modo, a convergência entre duas séries paradigmáticas do nosso tempo: as probabilidades e potencialidades da natureza e a instantaneidade do nosso tempo. Ambas possuem em comum uma circularidade que, por meio do cálculo imagético, tende a colar o futuro no presente, não sem regulá-lo em demasia. Se a imagem diz respeito a uma experiência da visão, o visual é a “verificação óptica de um procedimento de poder” (COMOLLI, 2008). Longe de reduzir a história deste artefato, a fotografia participa efetivamente, poderá ao menos em princípio, das práticas de regulação social, oferecendo a elas seu caráter indicial (a evidência), seu caráter icônico (a semelhança) e seu poder de circulação (GUNNING, 2004) para além da sua circunscrição nas instituições pedagógicas. Além disso, por meio de recursos fotográficos se permitem a constituição e visualização dos indivíduos a compor uma população governável (BRASIL, 2008), os nômades do deserto do real.

O nômade ambiental concentra as ambivalências dos processos pedagógicos ambientais contemporâneos na medida em que a assincronia entre coletividade e indivíduo imprime recortes imagéticos na natureza, atribuindo-se sentidos “particulares”, que de singulares nada têm aos espaços naturais, entendidos nestas fotos como sem “proprietário”. A natureza é a imagem do mundo sem dono para o qual o homem deve voltar para recuperar-se das fraturas do presente. O próprio gesto do nômade constitui-se, assim, por si só na atitude de ausência e presença, materialidade e imaterialidade, visão e previsão, imagem e roteiro, pois será em um e só gesto que as imagens fabricam subjetividades ambientais no seio da população, ao mesmo tempo em

que aprofundam a solidão do indivíduo, seu isolamento da grande massa, sua sensação de perda, suas fraturas de anjo caído e expulso do paraíso. Não foi a fotografia, ou pelo menos grande parte de suas teorizações, um artefato privilegiado para se pensar a experiência dos escombros, da dor, da morte (cf. MEDEIROS, 2008)?

Daí que será sempre necessário cada vez mais apelar para novos pacotes de imagens, novas naturezas, novos choques com o mundo natural, novas aventuras, novos animais, novas plantas que nos guiem pelo mundo rumo ao paraíso perdido. E está aqui a mirada pedagógica destes tipos de fotografias da natureza: guiar-nos para algum lugar, um além-mundo, superar a distância que nos separa de nós mesmos, fazendo cada um encontrar seu lugar no todo e no mundo. Obviamente nós nunca chegamos lá, já que lá é uma miragem, uma imagem mirada. E quanto mais nos frustramos, mais corremos atrás; e quanto mais desorientados, estressados, ansiosos, perseguidos, culpados, deprimidos, em pânico, mais doses de “imagens-natureza” precisamos: mais alascas, rios parnaíbas, montes alpinos, constelações estelares. Um círculo vicioso infernal. Como todo remédio contra nosso desamparo humano, estes paraísos podem ser vistos como um indecível, ao modo do *pharmakon* platônico, relido por Jacques Derrida (1991), ou seja, ao mesmo tempo como remédio e veneno. Uma imagem de natureza que não é um erro, já que são totalmente “genuínas”. Uma imagem que também não é um delírio, já que este contradiz a realidade, diriam os psicanalistas, enquanto aquela não é necessariamente falsa, irrealizável ou contrária a realidade. O problema é que talvez ou a dose de veneno tenha se tornado mais forte do que podemos suportar, ou o remédio tem nos levado a um vício insuportável.

ÚLTIMAS PALAVRAS PARA UMA NATUREZA SEM FIM

Longe de encerrarmos de uma vez todas as questões evocadas na confluência entre Império da Natureza e Nomadismo ambiental nas pedagogias culturais e ambientais das fotografias da *National Geographic Brasil*, não se trata mesmo de avocar um fim comum no intuito de equiparar as fotografias da revista à tradição pedagógica clássica da educação ambiental, pretendendo-as

idênticas. Assumir similaridades entre elas parece-nos necessário para entender que existem muitos e distintos modos através dos quais se podem referenciar a natureza de maneira a torná-la cognoscível e os modos a partir dos quais devemos nos orientar para nos relacionar com ela e conosco. Uma etapa igualmente importante na busca da especificidade do trabalho pedagógico de produção de mundos e evocação de paisagens subjetivas destas imagens,

A fotografia não pode ser entendida exclusivamente como realidade capturada, mas, sim, como transformação e atualização do real, ou melhor, como criação de um novo real fotográfico (SANTOS, 2010). De modo análogo, embora não querendo ir tão longe, as fotografias de natureza da *National Geographic Brasil* não podem ser tomadas exclusivamente como uma captura da natureza, ao molde do que bem pretende a revista, mas, sobretudo, como sua criação, a criação de uma natureza imagética. É evidente que as imagens fotográficas registram quimicamente as marcas luminosas de coisas materiais do mundo ecológico, mas se esgotarmos as fotografias a designação, correremos o risco de deixar de fora todo o papel de composição, expressão, sensação que as imagens têm cumprido no nosso mundo (ROUILLÉ, 2009). Tudo isso, ao contrário do que se poderia supor no discurso pedagógico ambiental, reforça a própria força pedagógica da fotografia uma vez que coloca a imagem para funcionar além da mera reprodução das aparências, agregando possibilidade de exprimir impressões e sensações imateriais na vida dos sujeitos.

Aliás, é justamente quando se leva em consideração o momento em que a imagem fotográfica da natureza liberta-se do seu referente que se podem reposicionar estas fotografias da *National Geographic* não como um registro neutro, mas como forma de expressão completa, radicalmente envolvida nos processos culturais capitalistas, na regulação de condutas e na fabricação de mundos. “A fotografia de hoje não é apenas uma devolução mecânica de uma realidade visual [...], é criação em sentido amplo” (SCAVONE *apud* COSTA; SILVA, 1995, p. 60). E como sugere Goodman (1995), estes mundos fabricados, estas feitura de mundos não se aplicam a diáfanos mundos possíveis, mas a mundo reais. Nos limiares de tal entendimento se

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

torna possível conceber como as pedagogias das imagens ampliam os horizontes expressivos da educação ambiental. Não porque façam valer uma nova metodologia ou uma nova teoria educacional, mas porque estão aí, circulando, nos mais diversos espaços, criando, erguendo, querendo coisas para o mundo em que vivemos e para nossa vida.

Mas não deveríamos deixar-nos embalar por um determinismo tão apocalíptico quanto complacente. Parafraseando Walter Benjamin (1994), seria preciso escovar este presente a contrapelo, e examinar novas possibilidades de reversão vital que se anunciam neste contexto para a educação ambiental. Nada do que foi evocado neste artigo pode ser mesmo imposto unilateralmente de cima para baixo, já que essa natureza vampirizada, essas redes de sentido expropriadas, esses territórios existenciais comercializados, essas formas de vida visadas na e pela imagem da natureza não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias para a qual a própria da imagem fotográfica também oferece potências de resistência. Talvez a pergunta agora não seja mais o que querem essas imagens, mas o que queremos nós com elas? O que podemos nós com estas imagens-natureza? Podemos reverter o jogo? Estas e outras questões continuam a funcionar como feridas abertas para a educação ambiental.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. B. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, M. V. (org). **Estudos culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/FURGS, 2000.

ANDRADE, T. H. N. **Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira.** São Paulo: Annablume, 2003.

AUMONT, J. **A imagem.** São Paulo: Papyrus, 1993.

BARTHES, R. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. III).

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de História.** São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. I).

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

BRASIL, A. **Modulação/modulagem**: ensaios sobre biopolítica e estética. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em educação ambiental. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

COMOLLI, J. **Ver e poder**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

COSTA, H.; SILVA, R. R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac&Naify, 1995.

COSTA, M. V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, A.; MACEDO, E. (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 133-149.

CRARY, J. Spetacle, Attention, Counter-Memory. **October**, v. 50, 1989, p. 96-107.

CRARY, J. Techniques of the observer. **October**, v. 45, 1988, p. 3-35.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Huticec, 1993.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa o de educação também. In: SILVA, T. T. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FOUCAULT, M.. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOODMAN, N. **Modos de fazer mundos**. Porto: Edições Asa, 1995.

GUIMARÃES, L. B. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 5, p. 11-26, 2010.

GUNNING, T. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. (orgs.) **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004, p. 33-65.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LEFF, H. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: Editora da FURB, 2000.

MEDEIROS, M. A fotografia, a modernidade e seu segredo: antes e depois de Barthes. **Revista Comunicação & Linguagem**, Lisboa, n. 39, p.27-46, jun. 2008.

MITCHELL, W. J. T. **What do pictures want?**: the lives and loves of images. Chicago: University Of Chicago Press, 2005.

MORIN, E. **O método**: o conhecimento do conhecimento. São Paulo: Europa-América, 1986.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PARAÍSO, M. A. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 26, n. 01, p. 141-160, 2001.

PARAÍSO, M. A. Contribuições dos estudos culturais para a educação. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, 2004.

PIGNATARI, D. **Semiótica e literatura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

RANCIERE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual dos professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RÉNAUD, A. Comprender la imagen hoy: nuevas imágenes, nuevo régimen de lo visible, nuevo imaginario. In: TALENS, J. (Ed.). **Videoculturas de fin de siglo**. Madrid: Cátedra, 1989.

ROCHA, R; PORTUGAL, D. Sedução, sonho, fantasma: a erótica das visualidades. **XX Encontro da Compós**, UFRGS, Porto Alegre, jun. 2011.

ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, T. T. (Org.). **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 30-45.

ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2006.

SANTOS, A. C. L. A fotografia entre o documento e a expressão: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer. **XIX Encontro da Compós**, Rio de Janeiro, jun. 2010.

3ª Encontro Sergipano de Educação Ambiental
Ensino, pesquisa e extensão Universitária
22 a 26 de novembro de 2011

SILVA, T. T. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real.** Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

